

“Uma das preocupações da extinção das línguas deriva dessa expansão da língua portuguesa, especialmente entre os mais jovens. Como nenhum povo da região tem a língua portuguesa como nativa, entende-se que o uso da língua está relacionado a processos culturais exógenos que adentram o território de forma arbitrária.” símbolo do compromisso dos estudantes com práticas sustentáveis e a saúde coletiva.”



Multilinguismo no Xingu e o Povo Yawalapiti: a importância da preservação das línguas originárias

Multilingualism in Xingu and the Yawalapiti community: the importance of preserving Indigenous languages



João Victor Medeiros Kotlinski Dearmas

Mestrando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Língua Portuguesa na SEEDF desde 2022. Integrante Laboratório de Estudos Formais em Sintaxe, Semântica e Pragmática (LabForm), pesquisa na área Teoria e Análise Linguística com trabalhos voltados ao estudo formal das línguas naturais. Contato: dearmas1201200@gmail.com



Geovana Jordão Lira

Estudante de Direito na Universidade de Brasília (UnB). Em 2024, estudante do CEM Setor Leste (CEMSL).



Letícia Furtado Santos

Estudante de Fisioterapia na Universidade de Brasília (UnB). Em 2024, estudante do CEM Setor Leste (CEMSL).



Luna Karina Sousa

Em 2024, estudante do Centro de Ensino Médio Setor Leste (CEMSL).



Thie Ito Kawasaki

Em 2024, estudante do Centro de Ensino Médio Setor Leste (CEMSL).

Resumo: Com a introdução de línguas dentro de sua própria comunidade e principalmente pela influência do português em suas vidas, vários povos indígenas vêm pouco a pouco perdendo o hábito de falar em suas línguas originárias. Neste cenário, essa pesquisa investiga o multilinguismo dentro da comunidade Xingu como um todo, as diferentes famílias e troncos linguísticos das quais fazem parte e a história que explica tamanha diversidade, sendo esse o objeto da primeira parte da investigação. Feita a abordagem de uma visão geral dentro da comunidade Xingu, o Alto Xingu nos traz um caso interessante: o povo Yawalapiti e a sua língua de origem, que leva o mesmo nome. Inspirado fortemente na dissertação de Tapí Yawalapiti (2020), em que aborda os detalhes sobre o seu povo e a tentativa de resgate da sua língua que até o momento possuía apenas três falantes oficiais, este artigo discute o caso com atenção, ressaltando aspectos culturais e sociolinguísticos. Ao final, o texto traz, de forma breve e contextualizada, a importância da ação contínua do autor e do ato em si de preservar uma língua originária, refletindo o desejo de que as culturas originárias sejam preservadas e amplamente valorizadas no território nacional.

Palavras-chave: Língua indígenas. Povos originários. Xingu. Multilinguismo. Yawalapiti.



Fonte: <https://www.wordclouds.com/>

Abstract: Due to the influence of external cultures in their lives, several Indigenous people have been gradually losing the habit of speaking their native languages after foreign languages, such as Portuguese, were introduced within their community. Given that context, this paper investigates the multilingualism within the Xingu, the various language families in there and the history that explains such diversity, which is the focus of the first part of the investigation. After providing an overview of the Xingu community, a curious case in Alto Xingu is discussed: the Yawalapiti people and their native language, which shares the same name. Strongly inspired by Tapi Yawalapiti's dissertation, in which he details his people history and their efforts to revive their language, with only three official speakers up to that point. Then, this article discusses the case attentively, highlighting cultural and sociolinguistic aspects. In conclusion, we offer a brief and contextually oriented look on the case, championing the ongoing efforts to preserve a native language, reflecting the desire for Indigenous cultures to be preserved and widely valued within the Brazilian territory.

Keywords: Indigenous languages. Indigenous people. Xingu. Multilingualism. Yawalapiti.

Introdução

Com a falta de políticas de preservação da cultura socioterritorial dos povos indígenas, em 1961, foi fundado o Parque Nacional do Xingu, que viria ser após seis anos o Parque Indígena do Xingu. Localizado no estado do Mato Grosso, Brasil, o Parque Indígena do Xingu é uma das áreas mais importantes de preservação cultural e ambiental para os povos indígenas brasileiros. Sua formação foi consequência de uma longa e intensa luta envolvendo antropólogos como Darcy Ribeiro – na idealização do território – e indigenistas como os irmãos Villas-Bôas – no apoio aos povos do Alto Xingu –, além de lideranças indígenas. Com tudo isso, Jânio Quadros, em seu mandato como presidente da República, assinou o decreto território que garantia o território como área de preservação. Essa luta resultou, então, na criação de um santuário para os povos indígenas, protegendo tanto suas culturas quanto o meio ambiente.

No entanto, a proteção contínua desses direitos e territórios exige vigilância e ação constante para o enfrentamento de desafios que persistem até hoje. Os povos indígenas enfrentam dificuldades em manter seus territórios em sua posse, dificuldades estas que perpassam a expansão da fronteira agrícola, a exploração ilegal de recursos naturais e outros conflitos territoriais que representam ameaças constantes, como o Projeto de Lei do Marco Temporal¹. Esse PL, assim como diversas outras ações tomadas pela frente governamental nos últimos anos, ameaça significativamente não apenas os direitos territoriais, mas a existência e segurança dos povos indígenas em território nacional. Muitos grupos indígenas foram deslocados de suas terras devido a conflitos, projetos de desenvolvimento e expansão agrícola antes de 1988.

Voltando à discussão ao Alto Xingu, entre as várias etnias presentes na reserva, os Yawalapiti é uma delas. Além disso, existem evidências que apontam esses povos como um dos primeiros a ocuparem a região. Segundo Troncarelli e Castro (2003), seu nome significa “aldeia dos tucuns” e é usado como autodenominação, sua localização seria a mais antiga de que se tem dados. A língua Yawalapiti faz parte da família linguística Aruak, que inclui várias outras línguas faladas na região do Xingu. A língua é uma parte essencial da identidade cultural dos Yawalapiti, sendo utilizada em contextos familiares, comunitários e rituais. Porém, com o passar do tempo, a sua língua tem enfrentado ameaças severas de extinção.

Este artigo é fruto de uma atividade avaliativa inicialmente proposta no contexto escolar para alunos da 3ª série do Centro de Ensino Médio Setor Leste

no ano de 2024. Sob os eixos propostos no Currículo em Movimento do Novo Ensino Médio vigente no Distrito Federal, a atividade tinha como principal objetivo levantar discussões sobre a diversidade linguística no território brasileiro (Distrito Federal, 2021, p. 50-51) por meio do fomento à investigação científica (Distrito Federal, 2021, p. 32-33). Assim, a presente investigação propõe como ponto de partida uma compreensão mais aprofundada do multilinguismo no território do Xingu e da situação atual do povo Yawalapiti. Em específico, o estudo busca responder às seguintes questões sobre o assunto:

I. Quais são as línguas faladas no território Xingu?

II. Que fatores caracterizam o multilinguismo da região?

III. O que houve com a língua Yawalapiti e quais os fatores que contribuíram para o seu enfraquecimento?

IV. Qual a importância de manter essa língua (juntamente com outras do território) viva?

Ao respondê-las, a pesquisa tem como objetivo geral chamar atenção à importância da preservação das línguas indígenas no contexto brasileiro, a partir da observação de dinâmicas linguísticas no território do Xingu.

Metodologia

A metodologia adotada para a elaboração desse artigo segue uma abordagem qualitativa, centrada na análise bibliográfica e estudo de caso da luta dos povos Yawalapiti, com o objetivo de compreender aspectos latentes do multilinguismo na região do Xingu e a luta de povos indígenas para manter sua língua viva. A abordagem qualitativa permitiu uma investigação ampla que embasa a perspectiva crítica sob a qual história, identidade cultural e línguas indígenas brasileiras são discutidas neste artigo. A pesquisa foi essencial para contextualizar historicamente a situação dos indígenas do Xingu e identificar alguns dos desafios enfrentados diante das mudanças relacionadas a agentes externos.

A primeira etapa da pesquisa consiste em um levantamento de dados e revisão da literatura selecionada sobre os povos do Xingu e o caso dos Yawalapiti, abrangendo estudos antropológicos, históricos e linguísticos, como documentos acadêmicos

dos dados tomou cerca de duas semanas e meia. Na primeira semana, foram definidos os temas e assuntos a serem abordados no artigo, seguido do início da leitura da dissertação de Tapi Yawalapti. Durante a segunda semana, foram incluídos os conteúdos de sites de notícias e organização indigenistas. As principais fontes usadas na construção deste artigo são Emmerich (1984) e Yawalapiti (2020)³.

Essa escolha metodológica aliada à divisão do trabalho entre os estudantes permitiu um rápido aprofundamento tanto nas questões sobre os esforços das comunidades indígenas do Xingu para manter viva sua língua quanto no caso particular do povo Yawalapiti. Em geral, a pesquisa se insere nos campos da linguística e da antropologia como uma investigação que destaca a importância da documentação e preservação das línguas originárias. O processo que culmina na escrita desse trabalho possui valor essencialmente pedagógico, visto que (i) evidencia a relação entre língua e identidade cultural, (ii) alerta para a preservação do registro e da transmissão do conhecimento às novas gerações de uma comunidade e (iii) incentiva e orienta a investigação científica no contexto da educação básica.

Resultados

Em 1943, foi iniciada a Expedição Roncador-Xingu, que se estendeu até a década de 1950. Foi de maneira crucial para a cartografia de exploração e mapeamento do Brasil e para a inclusão da região do Xingu. A expedição foi liderada pelos irmãos Villas-Bôas e financiada pelo governo brasileiro, no período da presidência de Vargas. O apoio governamental permitiu que os Villas-Bôas pudessem estabelecer bases de apoio na região e realizar um trabalho detalhado de mapeamento e contato com os povos indígenas.

Se hoje o Brasil tem a maior e uma das mais importantes reservas indígenas das Américas, o Parque Nacional do Xingu é, graças a três irmãos que dedicaram suas vidas à defesa de povos indígenas: Orlando (1914-2002), Cláudio (1916-1988) e Leonardo Villas-Bôas (1918-1961). Foi em 1943 que tudo começou, quando juntaram-se à Expedição Roncador-Xingu, parte da campanha nacional Marcha para o Oeste, lançada por Getúlio Vargas, que tinha como objetivo desbravar e explorar o interior brasileiro. De acordo com o discurso de lançamento da campanha do presidente à época, pronunciado do Palácio Guanabara para todo o país, em 31 de dezembro de 1937 (Queiroz, 2022).

A expedição Roncador-Xingu teve como objetivo facilitar a integração de áreas remotas com o resto do país, mapear regiões e estabelecer

contato com os povos indígenas ali presentes, documentando sua cultura e formas de proteção. Em julho de 1961, através de um decreto de Jânio Quadros, foi criado o Parque Nacional Indígena, porém, após seis anos, veio a ser o Parque Indígena do Xingu. Os indigenistas, conhecidos por 'irmãos Villas-Bôas', o antropólogo Darcy Ribeiro, o Marechal Rondon e

importantes líderes indígenas idealizaram a criação do parque em uma área de aproximadamente 2,7 milhões de hectares no norte do Mato Grosso, com o objetivo de resguardar os povos indígenas que ali viviam e suas riquezas culturais e preservar a fauna e flora diversa em uma região de transição ecológica que é o Alto Xingu. Foi o primeiro território indígena reconhecido no Brasil e é até hoje a mais importante reserva indígena das Américas.

Antes da criação do Parque Nacional do Xingu

Villas-Bôas (2002) ressalta que a história dos povos indígenas da região do Mato Grosso remonta a séculos anteriores à própria colonização. Durante esse tempo, esses povos desenvolveram sociedades complexas, baseadas em redes de trocas, rituais religiosos e uma relação de mutualidade com a natureza. Cada etnia possui seus próprios costumes, línguas e modos de vida, criando uma vasta diversidade cultural. Antes do contato com os colonizadores europeus, essas comunidades se bastavam. Em geral, eles praticavam agricultura sustentável, caça, pesca e coleta de frutos, utilizando técnicas que preservam o meio ambiente. As trocas de conhecimento e bens materiais entre diferentes grupos eram comuns, o que promovia uma boa convivência entre as comunidades.

Segundo o autor, o primeiro contato significativo dos povos que habitam a região do Xingu com sociedades não-indígenas ocorreu em uma expedição do século XIX e teve como mediador o etnólogo Karl von den Steinen. Alguns exploradores, missionários e cientistas ainda exploraram um pouco da região. Enquanto alguns se debruçaram na documentação e tentavam compreender as culturas locais, outros trouxeram consigo doenças e práticas que ameaçaram o modo de vida tradicional dos indígenas.

As persistências rituais como Kwarup e Jiwari (cf. Villas-Bôas, 2002) demonstraram a notável capacidade de adaptação, resistência e integração

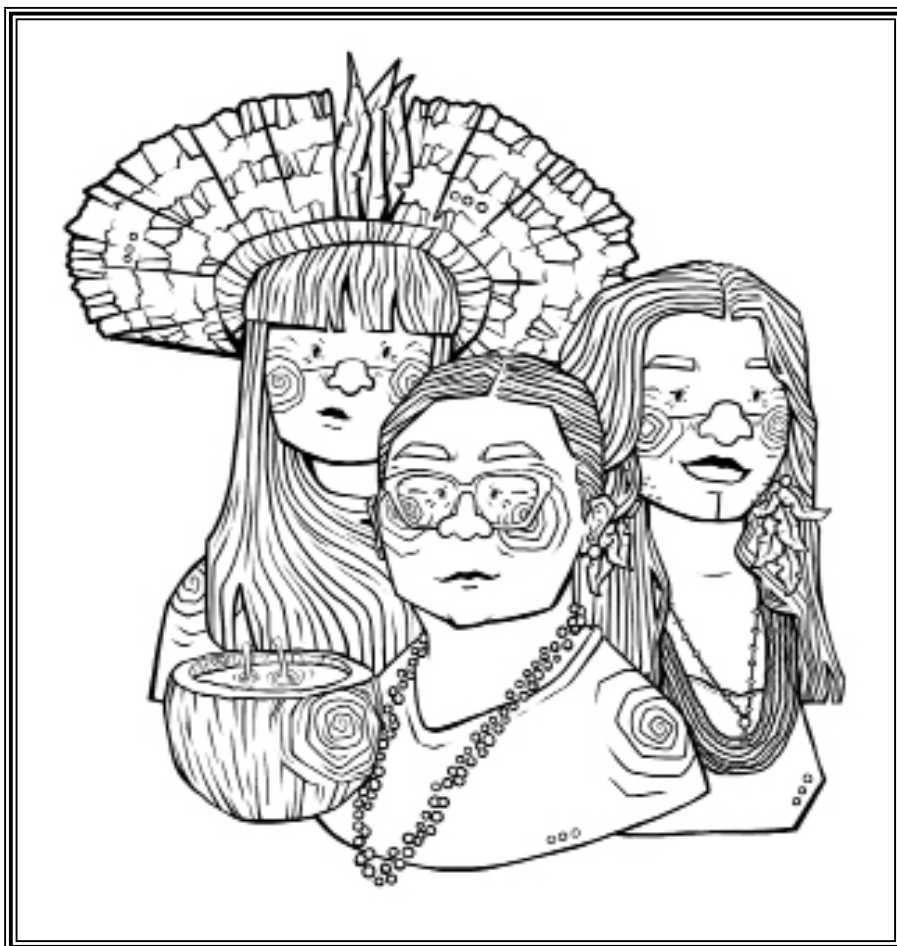
dos povos do Xingu. De geração em geração, eles vêm preservando suas tradições e a transmitindo de seus conhecimentos ancestrais, mantendo assim a essência de suas culturas viva até os dias de hoje

As línguas indígenas no território do Xingu

O território sul, conhecido como sendo a localidade da área cultural denominada como Alto Xingu, formada pelos povos Aweti, Kalapalalo, Kamaiura, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukua, Naruvotu, Trumai, Wauja e Yawalapiti, é um exemplo notável de como diferentes povos podem coexistir e se interconectar através de redes sociais e culturais complexas, enquanto preservam suas identidades únicas. A similaridade nos modos de vida e a diversidade linguística dos povos do Alto Xingu demonstram a riqueza cultural dessa região, que continua a ser um importante foco de estudo e preservação.

Ademais, a presença de povos com culturas heterogêneas como os Ikpeng, Kaiabi, Kĩsêdjê, Tapayuna e Yudja ressalta a complexidade e a diversidade da região do Xingu, enriquecendo ainda mais seu patrimônio cultural e enfatizando a sua importância como um povo. Assim, contamos com 16 etnias ao todo que habitam o Parque: Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kĩsêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Wauja, Tapayuna, Trumai, Yudja e Yawalapiti (cf. Villas-Bôas, 2002).

Apesar da grande mistura de povos, as aldeias tendem a preservar suas línguas de origem, que, de acordo com Yawalapiti (2020), somam dezesseis divididas em mais de cinco famílias. Por outro lado, o português é utilizado como língua de comunicação entre diferentes etnias, sendo mais dominado pelos homens jovens e adultos. Recentemente, o número de falantes de português tem crescido, e muitas mulheres jovens também estão se tornando aptas a compreender a língua. Uma das preocupações da extinção das línguas deriva dessa expansão da língua portuguesa, especialmente entre os mais jovens. Como nenhum povo da região tem a



língua portuguesa como nativa, entende-se que o uso da língua está relacionado a processos culturais exógenos que adentram o território de forma arbitrária. Assim, atualmente há grandes preocupações com relação a processos de aculturação e apagamento de línguas originárias da região.

O território do Xingu abrange diversas etnias. A coexistência de múltiplas línguas no Xingu é facilitada por uma grande tradição de interação cultural entre os povos indígenas. Muitos indivíduos são multilíngues, aprendendo e utilizando diversas línguas no dia a dia, especialmente em contextos cerimoniais, comerciais e sociais, assim como o papel que o português desempenha, sendo a língua de contato entre eles. O multilinguismo é, portanto, uma rica e importante herança dos povos originários da região do Xingu, que é um dos lugares mais linguisticamente diversos do Brasil.

Família Tupi-Guarani

As línguas Tupi-Guarani são amplamente faladas em várias regiões do Brasil, incluindo o Xingu. Esta família linguística é conhecida por sua grande influência na formação do português brasileiro, especialmente em termos de vocabulário e nomes

geográficos. No contexto do Xingu, as línguas 'Kamayurá' e 'Kaiabi' fazem parte desta família.

Família Juruna

Esta família inclui as línguas já extintas dos povos Arupaia, Xipaia, Peapaia e Aoku (não-identificado), além dos Maritsawá (cf. Villas-Bôas, 2002). No que se diz respeito à cultura, eles aproximam-se de povos que falam línguas da família tupi-guarani. No Xingu, a língua Yudjá é um exemplo de língua da família Juruna.

Família Aweti

Apesar de muitas semelhanças, o Aweti difere em vários aspectos das línguas tupi-guarani, por isso se considera atualmente que constitua uma família separada dentro do tronco tupi – pequena, com uma só língua (viva), o próprio Aweti.

Família Aruak

As línguas Aruak são faladas por vários grupos no Xingu e são conhecidas por sua riqueza cultural e complexidade em termos de gramática. A família Aruak é uma das mais antigas e amplamente distribuídas na América do Sul. 'Mehinako', 'Wauja' e 'Yawalapiti' são exemplos de línguas dessa família espalhadas pela região do Xingu.

Família Karib

As línguas Karib 'Ikpeng', 'Kalapalo', 'Kuikuro', 'Matipu', 'Nahukwa' e 'Naruvotu' estão presentes em diversas comunidades do Xingu. Contudo, como apontado em Villas-Bôas (2002), esta família é mais amplamente representada em regiões da Amazônia.

Família Jê

As línguas 'Kisêdjê' e 'Tapayuna' fazem parte da Família Jê, que integra um grande tronco linguístico concentrado no interior do Brasil – também conhecido por Macro-Jê.

.....

²Por se tratar de um artigo proposto dentro do contexto escolar, o tempo foi consideravelmente limitado.

³Encontradas por meio do Google Acadêmico.

Línguas isoladas

Além desses troncos principais, o Xingu tem línguas que pertencem a outros grupos linguísticos menores. O povo Trumai fala uma língua isolada, que não está claramente relacionada a nenhuma outra família linguística conhecida.

Discussão: o caso dos Yawalapiti

O povo Yawalapiti vive na região sul do Parque Indígena do Xingu, região conhecida como Alto Xingu, localizada no Mato Grosso. Sua história conta com séculos de tradição e cultura enraizadas na floresta amazônica. Fazem parte originalmente do grupo linguístico Aruak e têm uma ligação profunda com a natureza, além de valorizarem práticas tradicionais de cunho sustentável dos recursos naturais.

Tradicionalmente, os povos Yawalapiti vivem da agricultura, pesca, caça e coleta, cultivando alimentos essenciais como mandioca, milho e batata-doce. São organizados em aldeias com casas postas em círculo ao redor de uma praça central, espaço para atividades em grupo e cerimônias importantes.

O povo Yawalapiti enfrentou uma dramática redução populacional desde os primeiros contatos com colonizadores, chegando a apenas 25 pessoas na década de 1960. Diante desse cenário alarmante, os irmãos Villas-Bôas desempenharam um papel crucial ao promover casamentos entre os Yawalapiti e outras etnias do Alto Xingu. Essa estratégia não apenas visava aumentar o número de indivíduos Yawalapiti, mas também fortalecer os laços entre diferentes grupos indígenas da região (Yawalapiti, 2020).

O povo Yawalapiti sofreu desastrosa redução populacional desde os primeiros contatos com os não-índios, de sorte que, na década de 1960, estavam reduzidos a 25 pessoas. É fato conhecido que os irmãos Villas-Bôas, preocupados com o número reduzido de Yawalapiti, promoveram casamentos entre estes e indivíduos de outras etnias xinguanas, como uma alternativa à sobrevivência do povo Yawalapiti, como unidade étnica e cultural. Kanatu, o avô paterno de Tapi Yawalapiti, foi o primeiro Yawalapiti a casar-se com Teporí, da etnia Kamaiurá, no âmbito dessa política em prol da sobrevivência do povo Yawalapiti, enquanto coletivo independente, linguisticamente e culturalmente (Yawalapiti, 2020, p. 17).

Além de promover esses casamentos interétnicos como uma medida para garantir a sobrevivência dos Yawalapiti, os irmãos Villas-Bôas foram pioneiros na criação do Parque Indígena do Xingu em 1961. Esse parque foi uma iniciativa fundamental para proteger o território e os modos de vida dos povos indígenas da região do Alto Xingu, permitindo que eles continuassem a viver de acordo com suas tradições ancestrais em um ambiente preservado. Dessa forma, os esforços dos irmãos Villas-Bôas não apenas contribuíram para a recuperação demográfica e cultural dos Yawalapiti, mas também para a preservação da diversidade étnica, linguística e cultural de todo o Alto Xingu.

Sabe-se que o primeiro contato historicamente registrado dos Yawalapiti com pessoas não indígenas ocorreu quando receberam a visita de Karl von den Steinen. Naquela época, os Yawalapiti habitavam a região do alto curso do rio Tuatuari, composta por lagoas e pântanos que constituíam o local onde várias de suas aldeias estavam situadas.

O etnólogo alemão percebeu grande pobreza vinda desses povos, porque eles não possuíam alimento suficiente para os visitantes. Os Yawalapiti reconheceram essa época como o início de sua decadência como grupo, que, obviamente, culminaria na dispersão da aldeia na década de 1930. Von den Steinen comenta sobre dois chefes Yawalapiti – Mapukayaka e Moritona (possivelmente Aritana) –, nomes que ainda hoje estão presentes na descendência desse povo.

Yawalapiti: uma língua em risco

O Yawalapiti pertence à família linguística Aruak, que é uma das maiores famílias de línguas indígenas das Américas, com falantes em várias regiões da América do Sul e Central. Como o povo Yawalapiti, sempre enfrentou uma crítica devastação populacional, tornou-se cada vez mais difícil manter viva a língua falada por todos ali presentes. Também sabemos que a região do Alto Xingu possui 16 etnias com diferentes línguas indígenas. Sendo assim, o Alto Xingu é uma região multilíngue, o que acaba sendo cada vez mais complicado para manter as origens linguísticas. À medida que os idiomas vizinhos se integravam à vida da aldeia, o número de falantes da língua original foi diminuindo. Em 1977, quando Tapí nasceu, restavam apenas 20 falantes da língua.

No ano de 2020, apenas três homens, com cerca de 70 anos, tinham a língua Yawalapiti como primeira língua usada no cotidiano. Tapí Yawalapiti, mestre em linguística pela Universidade de Brasília (UnB), é filho de

Aritana, cacique da tribo Yawalapiti. Tapí trabalha em prol de manter vivo o idioma original.

“Está na minha responsabilidade revitalizar a língua materna do meu povo. Se ela desaparecer, a gente perde parte da cultura. A língua é identidade do povo”, diz o linguista, que ainda não conhecia os cadernos guardados no Museu Nacional, escritos no ano do seu nascimento. Ele anota e estuda diariamente registros da língua com o pai. Sua pesquisa aponta processos de mudança que o idioma adotou para sobreviver, pressionado pelo contato com outras línguas (Costa, 2020).

A quantidade de falantes do Yawalapiti é preocupante por ser um número bem pequeno, com a maioria dos membros da comunidade também falando português e outras línguas indígenas da região. A língua é um componente essencial da identidade cultural dos Yawalapiti, é através dela que se transmitem conhecimentos tradicionais, histórias e práticas culturais.

Como muitas línguas indígenas, o Yawalapiti está ameaçado devido ao número reduzido de falantes nativos e ao crescente uso do português. Esforços de revitalização e documentação são importantes para a preservação da língua. A preservação dessas línguas é essencial para manter a diversidade cultural e os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas que habitam essa região.

Atualmente, a língua Yawalapiti conta com apenas três falantes plenos, Waripirá (Aldeia Caramujo), Makawana e Makuku (Aldeia Yawalapiti). As últimas mulheres falantes da língua Yawalapiti são Ñapirú, Arupy (Aldeia Paluxaio), Sanain (Aldeia Batuvi) e Ulé (Aldeia Aturua), e há ainda duas mulheres lembradoras do Yawalapiti, Kajanumálu e Tsi'ápukú, que vivem na aldeia Awetý do Saidão, e dois homens, Awirinápu (Aldeia Hiuláya) e Jatamápu, que vive na aldeia Kamaiurá de Ypawu. Além dessas pessoas, três jovens mulheres, Mayalú (Aldeia Lahatua), Pairumá (Aldeia Caramujo) e Airiká (Aldeia Paluxaio) têm conhecimento incipiente da língua, e dois homens Walámatu (37 anos, Aldeia Yawalapiti) e Tapí (43 anos, Aldeia Yawalapiti) estão aprendendo a língua Yawalapiti com os mais velhos. Apenas duas crianças, uma de quatro anos e outra de oito anos, estão aprendendo a língua Yawalapiti (Yawalapiti, 2020, p. 17).

Pouco material está disponível publicamente sobre as características linguísticas detalhadas do Yawalapiti, mas como outras

línguas Aruak, pode-se esperar que tenha um sistema gramatical e fonológico bastante distinto do nosso, com particularidades interessantes na estrutura das frases, na morfologia e no vocabulário. Existem esforços de linguistas e das próprias comunidades indígenas para documentar e revitalizar a língua. Isso inclui a criação de materiais educativos, como dicionários e gramáticas, e o ensino da língua para as gerações mais jovens, fazendo com que a língua não seja apagada, e que a cultura permaneça viva e presente.

Considerações finais

Dado o exposto ao longo do texto, é inquestionável a importância do Xingu como território de preservação cultural e defesa dos povos indígenas, sendo eles possuíntes da primeira conquista territorial indígena no país. Observamos também, pelo caso da língua Yawalapiti, a luta de diversos povos com relação à sobrevivência da língua e cultura originária.

Como já enfatizamos, o Yawalapiti é um único exemplo, contudo, há diversas outras línguas em condições similares. Esse fato dificulta não apenas a sobrevivência das tradições e registros de uma cultura, mas também culmina na perda da identidade cultural dos indivíduos dessa etnia, já que a língua de um povo inquestionavelmente possui participação na formação do pertencimento social. Apesar de representar mais uma mudança na trajetória histórica desse povo, é indiscutível a importância cultural de manter viva uma língua minoritária.

Ao longo da pesquisa, chamam atenção os motivos que levam um povo a adaptar sua fala em meio a mudanças sociais e um novo modo de vida, assim como foi possível analisar criticamente os fatores que levam a tais mudanças. Além disso, ao longo da

escrita, observamos a importância da produção acadêmica e de seu amplo acesso para o público. A possibilidade de consultar materiais científicos, com aprofundamento teórico em diferentes áreas, facilita o estudo e a pesquisa. Além disso, a possibilidade de referenciar e creditar os devidos méritos a pesquisas construídas por outros pesquisadores, principalmente indígenas, é importante para que sejam incentivados a continuar, já que muitos de seus saberes podem ser valiosos a pesquisas como esta.

Corroborando com Yudjá (2023), resta a nós questionarmos o que deve ser apoiado e priorizado no nível das políticas públicas do

Estado. É importante apoiar os povos originários em sua luta de resistência e demanda por garantias legais, colocando em perspectiva o porquê de algumas ações e posicionamentos de autoridades, principalmente na esfera governamental. Embora não tenha sido o foco da pesquisa, os resultados evidenciam que é notório o prejuízo que as decisões da esfera jurídica e político-econômicas deixaram às populações indígenas nos últimos anos. É de suma importância combater a alienação quanto ao assunto, levando atenção à expansão e aos interesses do agronegócio em terras indígenas.

Por fim, reitera-se a importância da demarcação de territórios indígenas como forma de combate aos problemas enfrentados por esses povos. Contudo, visto que o Xingu já é um território demarcado em meio a esse conflito, julgamos que abordar o assunto com mais profundidade estenderia o artigo para além do escopo inicialmente proposto. Deixamos, com isso, um tópico em aberto para futuras pesquisas: as dificuldades que existem em manter uma língua viva considerando agravantes como conflitos territoriais e a luta de um povo por demarcação.

Referências

COSTA, Luís. **Com apenas três falantes, língua indígena tem estudo recuperado pelo Museu Nacional**. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53114568>. Acesso em: 27 jun. 2024.

EMMERICH, Charlotte. **A língua de contato no Alto Xingu**: origem, forma e função. 1984. 278p. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação de Estado do Distrito Federal. **Currículo em Movimento do Novo Ensino Médio**, 2021.

IPAM AMAZÔNIA. **Combinação Nefasta**: PL 490 e Marco Temporal Ameaçam Direitos Indígenas. 2023. Disponível em: <https://ipam.org.br/combinacao-nefasta-pl-490-e-marco-temporal-ameacam-direitos-indigenas/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

QUEIROZ, Mariana. **Irmãos coragem**: quem foram os idealizadores da primeira reserva indígena do país? UOL Notícias, 2022. Disponível

em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/08/06/irmaos-villa-boas-quem-foram-os-sertanistas-defensores-dos-povos-indigenas/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

TRONCARELLI, Maria Cristina; CASTRO, Eduardo. **Yawalapiti**. Povos Indígenas no Brasil, 2003. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo: Yawalapiti>. Acesso em: 23 jun. 2024.

VILLAS-BÔAS, André. **Xingu**. Povos Indígenas no Brasil, 2002. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu>. Acesso em: 23 jun. 2024.

YAWALAPITI, Tapí. **Documentação e escrita da língua Yawalapiti (Aruak)**: uma língua que não deve morrer. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

YUDJÁ, Victor. **A criação do Parque Indígena do Xingu e sua importância para a diversidade socioambiental na Amazônia**. Terras Indígenas no Brasil, 2023. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/219306>. Acesso em: 25 jun. 2024.